

## IDENTIDADE E TERRITÓRIO NA COMUNIDADE DE PESCADORES Z3 PELOTAS-RS

RETIELE VELLAR<sup>1</sup>; DÉCIO COTRIM<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [retielevellar@hotmail.com](mailto:retielevellar@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [deciocotrim@yahoo.com.br](mailto:deciocotrim@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O conceito hegemônico de território, unidimensional, relacionado à ideia de poder do Estado projetado no espaço, ou centrado na dimensão política através de seus limites e fronteiras seguida a partir de RATZEL (1990) vem sendo criticada por muitos autores.

Essas transformações são apresentadas por autores, os quais defendem que há múltiplos poderes que se manifestam nos espaços geográficos regionais e locais, e não somente o estatal. Com essa perspectiva, os conceitos vão sendo modificados ao longo do tempo e se tornando mais amplos, ressaltando a interferência das transformações sociais nos espaços e consolidando a importância da perspectiva identitária de um determinado local.

Seguindo essa perspectiva MORAES (2002, p. 54) compreende que a formação de um território ocorre por “[...] processo cumulativo, a cada momento resultado e possibilidade, um contínuo em movimento” sendo ele produto da intervenção do trabalho do homem sobre determinada coletividade, gerando vínculo e identidade sociocultural.

Já para RAFFESTIN (1993), o território se configura sem ressaltar a conotação demarcatória do espaço, como um conjunto de relações de poder fundamentadas no sistema social, exercidas através do tempo, onde a territorialidade de um determinado grupo social passa a ser explicada não somente pelo local onde ocorre a vida, mas por um conjunto de elementos materiais e imateriais (simbólicos) fruto do imaginário humano, seus códigos, suas representações e suas fronteiras.

Baseado nessas percepções é evidente a indefinição de limites e demarcações territoriais rígidos, regidos pelo domínio de poder, não mais pelo Estado e sim pelo capital, desencadeando nos processos de territorialização e desterritorialização, onde qualquer base material, “espacial” socialmente utilizada não pode ser mais compreendida como território (HAESBAERT, 2003).

Assim como RAFFESTIN (1993) a “mediação de forças” apresentada por HAESBAERT (2007) se relaciona ao que SOUZA (1995, p.78) apresenta, afirmando que a delimitação de um território ocorre “[...] fundamentalmente num espaço definido e delimitado por e partir de relações de poder”, não estando necessariamente ligada ao pertencimento de um substrato de solo, “terra”, mas, sobretudo, pela importância do capital no espaço para a conquista, manutenção e exercício de poder.

ROCA E MOURÃO (2003) apresentam o termo “identidade territorial”, como sendo o sentimento de pertencimento, revelando a intensidade da integração econômica e cultural desses lugares e regiões no âmbito de redes e sistemas socioeconômicos e espaciais hierarquizados.

HAESBAERT (2003; 2004), faz uma construção sobre as multiplicidades de poderes e as múltiplas identidades que se manifestam nos espaços geográficos, na perspectiva de um continuum ao longo do tempo ao passo que vive-se atualmente no campo da multiterritorialidade, existindo a mescla de poderes estatal-capital.

Também se pode adotar o conceito de território quando se refere ao “pertencimento de um chão”, de um “chão mais a identidade”, de um “território usado, fundamento do trabalho, lugar de resistência, das trocas materiais”, mas que também é regido pelo poder-capital apresentado por SANTOS (1999, p. 8).

Neste trabalho optamos pela abordagem “território usado, fundamento do trabalho” de SANTOS (1999), para evidenciar a comunidade de pescadores artesanais Z-3, inserida às margens de um amplo ecossistema formado pela Lagoa dos Patos, situado aproximadamente 20 quilômetros do centro da cidade de Pelotas-RS e conforme o sistema normativo municipal, caracterizado como uma área rural.

Com uma população de 3.166 habitantes (IBGE, 2006), caracteriza-se por ser uma comunidade essencialmente pouco desenvolvida (problemas econômicos, sociais e ambientais), a qual baseia a sua economia na pesca artesanal, atualmente com aproximadamente 850 pescadores registrados, 20 peixarias e salgas de variados portes, idois grupos de artesanatos femininos, que utilizam os resíduos dos peixes para a confecção de bolsas, colares, brincos e, apresenta algumas poucas atividades no setor de serviços como consertos de embarcações e redes de pesca (DECKER, 2016).

O local onde a comunidade Z-3 está situada vem padecendo ao longo de muitos anos com problemas ambientais, que impactam significativamente na redução de pescado disponível, sobretudo do camarão que representa grande fonte de ingresso econômico na comunidade. Essa redução de pescado é resultado de diversas causas, como: a poluição resultante da urbanização em seu entorno, desenvolvimento da agricultura regional, sobre pesca e pesca predatória das grandes traineiras oriundas de outros estados (SACCO DOS ANJOS et al., 2004; DECKER, 2016).

Diante das diferentes abordagens sobre o que vem sendo entendido como território e como ocorrem essas transformações ao longo tempo emerge a seguinte questão: Quais as transformações que vêm ocorrendo no território da comunidade de pescadores Z-3, Pelotas-RS?

Com o propósito de responder tal pergunta, o objetivo desta pesquisa visa analisar as transformações territoriais na Comunidade de Pescadores Artesanais Z3, Pelotas-RS.

Traz-se como justificativa a relevância que o sistema produtivo da pesca artesanal desempenha para manter a economia da comunidade de pescadores, a preservação do ecossistema e a identidade cultural do território Z-3, de acordo com as propostas sobre a soberania e a segurança alimentar (MDS, 2011).

## 2. METODOLOGIA

O estudo utiliza o método qualitativo através de uma pesquisa bibliográfica e exploratória na comunidade de pescadores artesanais Z-3, nos essa última realizada no período de abril à maio de 2018, através de entrevistas em

profundidade com pessoas de instituições de fomento na Comunidade Z-3 e, também com lideranças locais.

A amostra das pessoas entrevistadas ocorreu por saturação teórica e análise das entrevistas por meio da análise de conteúdo.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com uma população de 3.166 habitantes, a comunidade Z-3 caracteriza-se por ser essencialmente pouco desenvolvida (problemas econômicos, sociais e ambientais), baseia a sua economia na pesca artesanal e, assim como na agricultura, está vulnerável às intempéries climáticas e à sazonalidade, o que reduz a uniformidade da geração de renda. Os pescadores artesanais em sua maioria são proprietários de seus meios de produção e realizam a captura por conta própria, inexistindo relações de emprego ou subordinação e rotinas diárias, sendo toda a comercialização da produção realizada pelos próprios pescadores ou por algum membro da família, categorizados assim como camponeses ou agricultores familiares, visto que a mão-de-obra envolvida na atividade provem essencialmente da família.

No entanto, recentemente a pluriatividade tem sido muitas vezes necessária para complementar a renda familiar, visto que, ao longo dos últimos anos esse território vem sofrendo com a redução significativa de pescado, devido aos problemas ambientais muitas vezes ocasionados pelos efeitos da urbanização e desenvolvimento da agricultura regional (DECKER, 2016). Outras famílias necessitam recorrer a programas sociais como o Bolsa Família, esse que atualmente beneficia 132 famílias na comunidade (MDS, 2017).

No contexto histórico a formação da Colônia de Pescadores Z-3 ocorreu ao longo do tempo com o ingresso de moradores de diferentes regiões, tendo início em 1912 sob a tutela do Ministério da Guerra, com pescadores artesanais oriundos das colônias portuguesas (ilha dos Açores e Madeira) posteriormente no começo do século XX, agricultores das cidades de Piratini, Tapes, Viamão e Rio Grande; na década de 50, pescadores oriundos do estado de Santa Catarina como Itajaí, Laguna e Florianópolis; na década de 60, famílias vindas da “Ilha da Feitoria”; na década de 90, pessoas provenientes de regiões periféricas da cidade de Pelotas (ECOMUSEU Z-3, 2012; DECKER, 2016).

O local onde a comunidade Z-3 está situada vem padecendo ao longo de muitos anos com problemas ambientais, que impactam significativamente na redução de pescado disponível, sobretudo do camarão que representa grande fonte de ingresso econômico na comunidade. Essa redução é resultado de diversas causas, como: a poluição resultante da urbanização em seu entorno, desenvolvimento da agricultura regional, sobre pesca e pesca predatória das grandes traineiras oriundas de outros estados (DECKER, 2016).

As disputas entre os grupos na comunidade Z-3 constituem as diversas territorialidades dentro do território da Z-3, ocasionando em uma falta de consenso e propósitos para o desenvolvimento local de forma coesa, pois cada qual apresenta seus simbolismos e sua cultura, resultando em divergências no modo de organização e de ideologias. Mesmo que em sua grande maioria as pessoas que vivem na comunidade tenham a sua identificação cultural voltada para a atividade da pesca artesanal, ela não engloba a sua totalidade confirmando as observações feitas por RAFFESTIN (1993) e SOUZA (2009), quando salientam que em um território imperam as relações de poder centradas no capital.

Além do ingresso de novos moradores, problemas ambientais, alterações das relações de trabalho e a dinâmica organizacional foram sendo modificados ao longo do tempo, desencadeando um processo de desterritorialização, o qual reflete diretamente no desenvolvimento econômico da comunidade Z-3, assim como observações apresentadas por ROCA e MOURÃO (2003) é a identidade territorial revela a intensidade de integração econômica cultural de um lugar.

#### 4. CONCLUSÕES

Diante das diferentes abordagens sobre o que vem sendo entendido como território e com o objetivo de analisar as transformações territoriais na Comunidade de Pescadores Artesanais Z3, Pelotas-RS, pode-se concluir que essa comunidade vem sendo entendida como, resultado e possibilidade das relações de trabalho dos homens com seu espaço, sendo elas regidas pelo poder, observadas nas divergências e disputas dos diversos grupos existentes na comunidade Z-3.

Embora esses grupos sejam fundamentados no sistema social, as disputas de poder são regidas pelo capital e impactam na falta de identidade da comunidade, mesmo que a Z-3 seja um lugar bem delimitado geograficamente no espaço, são os diversos grupos sociais que constituem seu território, apresentando identidades diferentes, resultando em diversas territorialidades que contribuem para uma falta de perspectivas de melhora econômica naquela comunidade, pois mesmo que as relações de trabalho se modifiquem com o tempo, ato percebido com o exercício da pluriatividade, é a pesca artesanal o fundamento do trabalho e sentimento de identidade da grande maioria das pessoas que constituem a comunidade Z-3 e, somente através do fortalecimento dessa identidade que pode-se pensar nas perspectivas de melhorias da sua integração econômica.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DECKER, A. T. Gestão sócio ambiental da comunidade de Pescadores Artesanais-Colônia de Pescadores Z-3, 2016. **Dissertação** (Mestrado em desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais)- Faculdade de Administração, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- ECOMUSEU Z-3. Blog. Disponível em: <<http://ecomuseudacoloniaz3.blogspot.com.br/2010/05/historia-da-colonia-de-pescadores-z3.html>>. Acesso em: 6 abr. 2018.
- HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n.1, v. 29, AGB-Seção Porto Alegre, 2003. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>>. Acesso em 5 mai.2018.
- MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Território e história do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RATZEL, Friedrich. **Ratzel**. Tradução de Antônio Carlos Robert de Moraes. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- ROCA, Z.; MOURÃO, J. C. Identidade e desenvolvimento territorial entre a retórica e a prática.Revista de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, v.9, p.102-110, 2003.
- SACCO DOS ANJOS, F.; NIERDELE, P.A.; SHUBERT, M.N.; SCHENEIDER, E.P.; GRISA, C.; CALDAS, N.V. Pesca artesanal e Pluralidade: o caso da colônia Z3 em Pelotas, RS. In: II Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul-RS, 2004.
- SACCO DOS ANJOS, F. Pluralidade e Ruralidade: enigmas e falsos dilemas. In: Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, n.17, p. 54-80, 2001
- SANTOS, M. O dinheiro e o Território. **GEOGraphia**, Niterói, v.1, n.1, p.17-38, 1999.
- SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, Iná Elias de et al. (Orgs.): **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SOUZA, M. J. L. "Território" da divergência e da (confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, M.A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.) **Territórios e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.